O PERFIL DO COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE NO SÉCULO XXI

THE PROFILE OF PARANA'S FOREIGN TRADE IN THE 21ST CENTURY

EL PERFIL DEL COMERCIO EXTERIOR DE PARANÁ EN EL SIGLO XXI

Rodrigo Gavioli Diniz
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
rodrigogaviolipsn@gmail.com

Fernanda Leandro Domanski
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
fernandale@gmail.com

Destaques

- O processo de reprimarização que assola a economia paranaense é um reflexo do que ocorre em âmbito nacional, em que as *commodities* aumentaram consideravelmente sua relevância nas exportações;
- As relações econômicas promovidas e estabelecidas pelo Paraná com os países emergentes (periféricos) foram ampliadas no contexto do século XXI, com destaque especial para a China;
- Apesar da significativa participação de bens manufaturados, muitos deles de alto valor agregado, na pauta de importações do Paraná, foram registrados poucos episódios de déficit na balança comercial.

RESUMO

O objetivo principal do trabalho é analisar o perfil e as características do comércio exterior paranaense nos dois primeiros decênios do século XXI, buscando compreender modificações estruturais e padrões de comportamento desse comércio. A metodologia do trabalho contempla procedimentos qualitativos, mas principalmente os descritivos e quantitativos, em decorrência da ampla disponibilidade de dados e indicadores sobre o assunto no IPARDES. Esses dados foram coletados, sistematizados em tabelas e posteriormente analisados. Os resultados mostram que o Paraná é um grande importador de bens manufaturados (de maior sofisticação), e que a partir do segundo decênio do século XXI, se consolidou como um grande exportador de bens primários. Na primeira década do século XXI, o cenário era diferente, com uma participação média superior de

bens manufaturados. Isso indica que o estado está passando pelo processo de reprimarização. Além disso, destaca-se a estreita relação do Paraná com a China, que vem se tornando o principal parceiro comercial do estado, tanto em exportações quanto em importações.

Palavras-chave: Paraná. Reprimarização. Exportação. Importação. China.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze the profile and characteristics of Paraná's foreign trade in the first two decades of the 21st century, in an attempt to understand structural changes and patterns in trade behavior. The methodology of the work includes qualitative procedures, but mainly descriptive and quantitative ones, due to the wide availability of data and indicators on the subject from IPARDES. This data was collected, systematized in tables, and then analyzed. The results show that Paraná is a major importer of manufactured goods (of greater sophistication), and that since the second decade of the 21st century, it has consolidated its position as a major exporter of primary goods. In the first decade of the 21st century, the scenario was different, with a higher average share of manufactured goods. This indicates that the state is undergoing a process of reprimarization. In addition, Paraná's close relationship with China stands out, as it has become the state's main trading partner, both in terms of exports and imports.

Keywords: Paraná. Reprimarization. Export. Import. China.

RESUMEN

El objetivo principal de este estudio es analizar el perfil y las características del comercio exterior de Paraná en las dos primeras décadas del siglo XXI, con el fin de comprender los cambios estructurales y los patrones de comportamiento del comercio. La metodología del trabajo incluye procedimientos cualitativos, pero principalmente descriptivos y cuantitativos, debido a la amplia disponibilidad de datos e indicadores proporcionados por IPARDES. Estos datos fueron recopilados, organizados en tablas y posteriormente analizados. Los resultados muestran que Paraná es un gran importador de bienes manufacturados (de mayor sofisticación) y que, a partir de la segunda década del siglo XXI, se consolidó como un gran exportador de bienes primarios. En la primera década del siglo XXI, el escenario fue diferente, con una mayor participación promedio de bienes manufacturados. Esto indica que el estado está pasando por un proceso de reprimarización. Además, se destaca la estrecha relación de Paraná y China, que se ha convertido en el principal socio comercial del estado, tanto en términos de exportaciones como de importaciones.

Palabras clave: Paraná. Reprimarización. Exportación. Importación. China.

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1930 e 1980, o Brasil experienciou um período de significativo ativismo estatal com a predominância do Programa de Substituição de Importações (PSI) e da expansão do tecido industrial brasileiro. Para tanto, algumas estratégias nacionais de desenvolvimento foram determinantes, como o Plano de Metas no governo de Juscelino Kubitschek (JK) e os Planos Nacionais de Desenvolvimento (I e II PND) no transcorrer da Ditadura Militar (1964-1985). Mas, como alertaram Bresser-Pereira e Theuer (2012), o nacional desenvolvimentismo também contou com períodos de considerável financiamento externo e de exportações de bens manufaturados, sobretudo a partir de 1960.

Com o solapamento do desenvolvimentismo brasileiro na década de 1980, por fatores internos e externos – como as crises do petróleo de 1973 e 1979 – o Brasil gradualmente abandonou o ativismo estatal e passou a aderir aos ideais neoliberais. O governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), mas principalmente os de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), implementaram políticas neoliberais/ortodoxas: juros elevados, câmbio muitas vezes apreciado, desregulamentação financeira, abertura econômica e privatizações (Sallum Jr, 2000; Pochmann, 2022). Esse processo foi decisivo para a conformação de três fenômenos: financeirização da economia brasileira, desindustrialização do país (Morceiro, 2012) e demasiada ênfase nas exportações de *commodities*.

Em virtude da maior participação das *commodities* no comércio exterior brasileiro, autores como Morceiro e Guilhoto (2019) afirmam que o Brasil enfrenta um quadro de reprimarização e especialização regressiva, que prejudica o crescimento e o desenvolvimento, ou seja, o Brasil está participando do comércio internacional como fornecedor de produtos primários e importador de produtos sofisticados. Entender se essa é uma realidade dos estados mais dinâmicos do país (histórica e economicamente) no século XXI, é imprescindível para a obtenção de respostas acerca de problemas socioeconômicos regionais e nacionais. Na presente pesquisa, o estado analisado é o Paraná, em virtude de sua relevante economia (5° maior PIB do país) e pelos poucos

estudos na ciência geográfica contemplando a realidade do comércio exterior paranaense[1].

A partir destes pressupostos, este trabalho procura analisar o perfil e as características do comércio exterior paranaense nos dois primeiros decênios do século XXI, buscando compreender modificações estruturais e padrões de comportamento desse comércio.

Dentre os objetivos específicos da pesquisa, destacam-se: analisar as exportações e importações conforme o valor agregado (bens básicos, semimanufaturados e manufaturados) e os grupos de produtos – também é possível fazer essa análise segundo categorias de uso; comparar, quando possível, o desempenho do comércio exterior do Paraná no final do século XX e nos dois primeiros decênios do século XXI; identificar os principais parceiros comerciais (países) do estado no período delineado, e por fim; observar se houve ou há reprimarização da pauta exportadora.

A metodologia do trabalho envolve procedimentos qualitativos, mas principalmente os descritivos e quantitativos, devido à ampla disponibilidade de dados e indicadores sobre o assunto no estado do Paraná, encontrados no Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca de processos e conceitos cardeais (comércio exterior e reprimarização), utilizando autores da Geografia e áreas correlatas, a exemplo de Lamoso (2020), Morceiro e Guilhoto (2019) e Pereira e Oliveira (2019). Em seguida, foram coletados, sistematizados e analisados múltiplos dados e indicadores secundários do IPARDES. Esses dados foram coletados, organizados em tabelas e posteriormente analisados.

Tais dados e indicadores estão disponíveis em relatórios de comércio exterior organizados e publicados pelo IPARDES, abrangendo um conjunto de informações relevantes. Esses relatórios eram divulgados anualmente pelo instituto, mas a última edição, publicada em 2019, trouxe os resultados do biênio 2017/2018. Para a análise segundo valor agregado, o recorte temporal compreende os anos de 1992 a 2018; para a análise dos grupos de produtos e dos parceiros comerciais do estado, são utilizados anos

[1] Parte notável dos estudos sobre o Paraná são da ciência econômica e analisam a conjuntura da primeira década do século XXI, exceto o trabalho de Castro (2022), que merece ser destacado.

selecionados: 2001/2002, 2009/2010 e 2017/2018. A partir dos anos selecionados foi possível tecer comparações.

Este artigo está estruturado em três partes mais a introdução. Na primeira, é feito um breve resgate histórico do comércio exterior brasileiro e paranaense, além da apresentação do conceito de reprimarização da pauta exportadora, que é um conceito-chave no trabalho. Em seguida, são apresentados os dados sobre exportação e importação do Paraná, com base no valor agregado e por grupos de produtos. A segunda parte contempla dados acerca dos principais parceiros comerciais do Paraná no século XXI em anos selecionados. Primeiro, foi feita uma análise das exportações e, posteriormente, das importações do estado. A terceira e última seção apresenta as considerações finais do artigo, destacando os principais achados.

CARACTERÍSTICAS E COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DO PARANÁ: UMA ANÁLISE SEGUNDO VALOR AGREGADO E GRUPOS DE PRODUTOS

O comércio exterior pode ser definido como as trocas comerciais (exportações e importações) que se estabelecem entre diferentes mercados no plano internacional, de uma mesma região ou não. Essas transações envolvem bens e serviços diversos, incluindo desde matérias-primas e produtos de baixo valor agregado/conteúdo tecnológico, até os fluxos de bens e serviços mais sofisticados e de maior complexidade (peças, equipamentos ou produtos totalmente acabados e prontos para serem comercializados) (Pereira; Oliveira, 2019; Rodrigue; Comtois e Slack, 2013).

A história do comércio exterior brasileiro é marcada por diferentes momentos. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2024), por exemplo, durante a República Velha (1889-1930) e o Estado liberal, a balança comercial do país registrou déficit em apenas três anos (1913, 1920 e 1921), com exportações baseadas no café e em outros poucos produtos agrícolas, ao passo que as importações eram compostas pelos produtos manufaturados. Durante o nacional desenvolvimentismo, entre as décadas de 1930 e 1980, o comércio exterior ganhou ímpeto a partir da década de 1960, com um plano de incentivo às exportações – notadamente de produtos manufaturados – no governo de Juscelino Kubitschek (Zarpelão, 2009). Simultaneamente, as importações se flexibilizaram e ganharam mais espaço na economia nacional.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 1990), a partir da década de 1970, coube a agricultura a tarefa de gerar superávit comercial, a fim de equilibrar o balanço de pagamentos, agravado pela crise da dívida externa e pelos mal sucedidos planos de combate à inflação. A economia brasileira passou a ser submetida a política macro, que buscavam a queda dos índices gerais de preços e o ajuste do setor externo. Assim, a trajetória da agricultura brasileira – e em menor medida, da pecuária – em relação ao comércio exterior teve um crescimento contínuo ao longo do tempo.

Dados de Nassif e Castilho (2020) confirmam a expansão da agropecuária em âmbito nacional, particularmente no comércio exterior. Os autores assinalam que a participação dos bens primários de menor conteúdo tecnológico na pauta de exportações do país, era de 49,6% no período 1990-1995; no recorte que abrange os anos de 2011-2016 o percentual foi de 66,3%. Campeão, Sanches e Maciel (2020) analisando o caso da soja no país, demonstram que entre 2008 e 2020 o Brasil não só expandiu o volume produzido como também ampliou sua participação no mercado mundial, sendo responsável por 41,45% das exportações de soja entre os principais países produtores.

Esse cenário ratifica os argumentos de Morceiro e Guilhoto (2019), Lopes (2020) e Lamoso (2020) de que o Brasil vem enfrentando um processo de reprimarização da pauta exportadora. Lamoso (2020, p. 7) entende que há reprimarização "Quando um país deixa de exportar, relativamente, mais bens industriais do que primários, comumente representados por *commodities* agrícolas e minerais [...]". No entanto, se um país ou região sempre teve sua pauta exportadora representada majoritariamente pelos produtos primários, não é possível constatar a existência da reprimarização. Embora o Brasil nunca tenha se desvinculado da produção primária, houve um período em sua história em que a produção e comercialização de bens manufaturados foram fundamentais para a economia e o comércio exterior. Algo parecido aconteceu com o estado do Paraná.

A economia dessa unidade da federação, até meados do século XX, era composta basicamente pela produção agrícola de baixa mecanização, além da indústria extrativista, caracterizada por métodos rudimentares e baixa incorporação de tecnologia nos processos de extração. Isso ocorria porque as indústrias se concentravam principalmente na exploração da madeira e do mate (Ribeiro, 2021). A produção e o comércio paranaenses estavam intrinsecamente vinculados aos produtos de menor valor agregado e de baixa sofisticação.

Na década de 1960, foi criada a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR) para promover o desenvolvimento industrial e melhorar a infraestrutura, com financiamento próprio. Em 1968, a companhia se transformou no Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP). Nesse período, também se começou a questionar as estruturas produtivas da economia paranaense, que eram focadas na agricultura e no processamento de produtos primários, com forte dependência de São Paulo para a manufatura (Niehues, 2014).

A partir dos anos 1970, o estado começou a se industrializar como uma estratégia de desenvolvimento econômico. Naquele período, o café, cultivado predominantemente no norte do estado, ainda era a principal fonte de renda. O capital do café no Paraná era direcionado para São Paulo, que comprava o produto paranaense para exportá-lo como produto manufaturado, transferindo parte da riqueza do Paraná para São Paulo (Trintin, 2001). O setor cafeeiro sofreu um declínio devido à modernização agrícola, variações nos preços e perdas de safras causadas por eventos climáticos adversos.

Ao longo dos anos, houve uma busca pelo progresso através da industrialização de produtos básicos, com o objetivo de transformar uma economia predominantemente agrícola em uma industrializada, com a intervenção do Estado. Assim, entre as décadas de 1960 e 1970, tanto no Paraná quanto no restante do país, houve um incentivo para o cultivo de soja visando substituir o café como principal produto de exportação. O Estado promoveu então a mecanização da agricultura e o uso de agroquímicos, o que também contribuiu para o êxodo rural (Ribeiro, 2021).

Nos anos 1990, o Paraná experimentou significativas mudanças econômicas em resposta às transformações endógenas e exógenas. Com a abertura econômica promovida pelo Governo Federal no início da década, o setor privado teve que adequar suas técnicas de gestão e métodos de produção para lidar com a nova realidade de uma economia aberta. Os setores da agricultura e da indústria sofreram uma reestruturação concentrando-se em áreas com maior valor agregado e potencial de inserção nos mercados nacionais e internacionais (Ribeiro, 2021). Somando-se a atração de novos segmentos industriais de maior complexidade e agregação de valor, a exemplo das indústrias de componentes e materiais de transporte e da indústria automobilística, que assumiram posição de destaque.

Desta forma, o Paraná diversificou seus setores produtivos, promovendo uma maior geração de renda e oportunidades de emprego. Essas mudanças na economia do Paraná contribuíram para que o estado se tornasse a quinta economia mais industrializada do país, e quinto lugar em termos de geração de renda. De acordo com dados do IBGE, a participação do Paraná no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro aumentou de 5,3% em 1996 para 6,4% em 2003 (Migliorini, 2006). A produção primário-exportadora e alguns ramos industriais de maior complexidade foram vitais nesse processo de ocorrência no final do século XX.

Atualmente, o estado é um dos mais industrializados do país, embora sua produção seja predominantemente voltada para manufaturas de baixo nível tecnológico. As exportações do Paraná refletem essa característica, com uma expressiva participação de produtos básicos e industrializados de menor valor agregado. A partir de 1992, a participação dos produtos básicos nas exportações do estado variou entre 29% e 53% (IPARDES, 2019). Entre 2011 e 2018, esses números se estabilizaram, e a participação dos produtos básicos superou os 45% em todos os anos. Em 2018, os produtos básicos representaram 53,21% do total das exportações paranaenses, o melhor desempenho no recorte analisado (1992-2018).

A Tabela 1 mostra tal realidade. A crescente participação dos produtos básicos nas exportações indica uma maior dependência de *commodities* agrícolas, enquanto a variação nos produtos manufaturados sugere medidas pontuais para industrializar a economia, mas sem uma política de longo prazo que priorize os setores industriais mais complexos.

Tabela 1 – Exportações do Paraná com base no valor agregado (1992-2018).

	Básico		Industrializados				
			Semimanufaturados		Manufaturados		
Ano	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	Total (US$ mil FOB)
1992	1.067.932	50,61	206.642	9,79	822.506	38,98	2.110.039
1993	1.191.871	48,04	192.267	7,75	1.081.457	43,59	2.481.143
1994	1.459.424	41,62	487.597	13,90	1.538.079	43,86	3.506.749
1995	1.439.114	40,34	646.613	18,13	1.463.107	41,01	3.567.346
1996	2.081.290	49,02	576.682	13,58	1.562.959	36,81	4.245.905
1997	2.524.220	52,00	560.259	11,54	1.740.382	35,85	4.849.631
1998	1.918.816	45,38	665.062	15,73	1.614.172	38,18	4.217.015
1999	1.735.682	44,14	626.797	15,94	1.528.226	38,86	3.930.561
2000	1.661.374	37,81	498.631	11,35	2.158.622	49,12	4.379.503
2001	2.280.991	42,87	561.285	10,55	2.416.688	45,42	5.312.332
2002	2.384.075	41,80	668.797	11,73	2.576.841	45,18	5.687.363
2003	2.985.014	41,70	877.848	12,26	3.217.442	44,95	7.132.002
2004	3.908.974	41,56	969.099	10,30	4.437.090	47,18	9.382.205
2005	3.297.780	32,87	993.498	9,90	5.608.205	55,89	10.007.040
2006	2.931.247	29,26	1.146.938	11,45	5.755.975	57,47	9.978.622
2007	4.233.777	34,27	1.318.847	10,68	6.630.908	53,68	12.319.415
2008	5.787.485	37,96	1.611.541	10,57	7.540.538	49,46	15.165.022
2009	4.985.127	44,42	1.304.406	11,62	4.719.959	42,06	11.125.061
2010	5.983.154	42,21	1.800.201	12,70	6.121.495	43,18	14.035.993
2011	7.952.480	45,72	2.410.778	13,86	6.645.958	38,21	17.289.541
2012	8.356.708	47,19	2.274.620	12,84	6.748.083	38,10	17.623.326
2013	9.068.374	49,72	2.099.371	11,51	6.817.117	37,38	18.097.707
2014	8.304.081	50,85	1.955.979	11,98	5.819.271	35,63	16.240.911
2015	7.649.587	51,31	1.655.686	11,11	5.428.565	36,41	14.832.910
2016	7.208.707	48,01	1.948.726	12,98	5.765.938	38,40	15.014.900
2017	8.665.276	48,32	2.434.522	13,58	6.715.254	37,45	17.933.166
2018	9.631.560	53,21	2.208.947	12,20	6.178.939	34,14	18.100.069

(1) Os valores apresentados nessa tabela, bem como na Tabela 3 acerca das importações do Paraná com base no valor agregado, foram organizados e disponibilizados pelo IPARDES em US$ mil FOB. A sigla FOB advém da expressão em inglês "*Free on Board*" em que o comprador é quem assume as responsabilidades da compra (riscos, seguro etc.).

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

Apesar da variação no período analisado, a participação dos produtos manufaturados apresentou uma tendência de crescimento em alguns anos da primeira década do século XXI, mas, desde 2011, tem se mantido abaixo dos 40%, situação inexistente entre 2001 e 2010. Esse movimento de retração começou a ser experienciado após 2007. Em 2006, os produtos manufaturados atingiram 57,47% das exportações, e em 2008, representaram 49,46% (IPARDES, 2019). Contudo, em 2018, último ano

computado, a participação caiu para 34,14%. Os produtos semimanufaturados, por sua vez, tiveram uma participação mais estável, variando entre 7,75% e 18,13%.

O valor total das exportações do Paraná aumentou significativamente ao longo do período analisado. Em 1992, o valor total das exportações era de US$ 2.110.039 mil FOB, enquanto em 2018, esse montante chegou aos US$ 18.100.069 mil FOB (IPARDES, 2019). As vendas do complexo agroindustrial cresceram significativamente nos segmentos de farelo de soja e óleo vegetal bruto, devido à modernização da agricultura no estado e ao aumento da demanda internacional pelo complexo soja, com destaque para a demanda chinesa. A Tabela 2 mostra uma diversificação nas exportações do Paraná ao longo dos anos, com aumento significativo da participação do complexo soja e do complexo carnes e uma diminuição dos complexos de maior sofisticação, como o de material de transportes e componentes.

Tabela 2 – Exportações do Paraná com base nos grupos de produtos (em anos selecionados).

Grupos de produtos	**Participação em%**					
	2001	**2002**	**2009**	**2010**	**2017**	**2018**
Complexo soja	31,27	34,25	29,17	27,21	31,57	38,11
Complexo carnes	8,23	8,37	14,81	13,51	16,00	15,32
Material de transportes e componentes	21,42	21,41	13,01	15,41	13,55	10,30
Papel e celulose	2,63	2,32	3,08	3,02	6,05	6,95
Madeiras e manufaturas de madeira	9,28	10,53	4,74	4,57	6,07	6,85
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	3,28	2,71	3,87	4,50	3,25	3,03
Açúcar	3,41	2,70	6,24	7,98	5,91	3,85
Produtos químicos	2,08	2,04	3,50	3,27	3,05	3,11
Petróleo e derivados	1,52	2,10	2,86	2,49	1,08	2,19
Café	2,23	2,03	2,35	2,18	1,72	1,91
Outros grupos de produtos	14,66	11,54	16,38	15,86	11,75	8,38
Total	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

Especificamente sobre o complexo soja, a participação nas exportações aumentou de 31,27% em 2001 para 38,11% em 2018 – com variação negativa no período 2009/2010. Esse crescimento teve repercussões na tabela de valor agregado, onde os produtos básicos (como soja) passaram de 42,87% em 2001, para 53,21% em 2018. O complexo carnes também aumentou sua participação nas exportações, de 8,23% em 2001,

para 15,32% em 2018 (IPARDES, 2019). Esse crescimento refletiu o aumento da demanda por carne paranaense. Salientamos que produtos como carnes (neste caso aves, suínos e bovinos) podem ser enquadrados tanto em produtos básicos quanto semimanufaturados e manufaturados, dependendo do nível de processamento.

Considerando o grupo materiais de transporte e componentes, de maior sofisticação e complexidade, é notável o movimento de retração. Em 2001, o estado vendeu cerca de 21,42% de produtos desse grupo, mas em 2018, o percentual foi de apenas 10,30%. Essa redução indica uma diminuição nas exportações de produtos manufaturados complexos, ou seja, que agregam mais valor. Já o grupo de máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos experienciou episódios de crescimento e retração, variando entre 2,71% e 4,50% nos anos selecionados (IPARDES, 2019).

Ao comparar as Tabelas 1 e 2, é possível notar uma significativa mudança nas exportações do Paraná ao longo dos anos, com um aumento expressivo na participação de produtos básicos como soja e carne, enquanto a proporção de produtos mais complexos sofreu variações. O crescimento do complexo soja reflete diretamente no aumento dos produtos básicos, enquanto a queda na participação dos materiais de transportes e componentes se alinha com a diminuição relativa dos produtos manufaturados.

No tocante às importações paranaenses, o quadro observado no período (1992-2018) contrasta com o das exportações. Apesar de haver um aumento nas vendas de produtos básicos, como soja e carne, nas importações, é possível notar um aumento nas compras de produtos manufaturados e uma diminuição na participação dos produtos básicos, ao passo que os produtos semimanufaturados participam das importações de maneira estável em quase todo o recorte analisado (IPARDES, 2019).

Para efetivar as importações do Paraná em 1992, foram gastos cerca de US$ 769.453 mil FOB, no último ano, o montante total foi de US$ 14.103.427 mil FOB, conforme pode ser observado na Tabela 3. Apesar do montante expressivo em 2018, o ano de 2014 foi aquele com o maior dispêndio em importações, se aproximando dos US$ 20.000.000 mil FOB, ou mais especificamente, US$ 19.493.360 mil FOB (IPARDES, 2019). As Tabelas 1 e 3 evidenciam que houve saldo positivo em quase todos os anos. Uma das exceções é o período compreendido entre 2011 e 2014, no qual o valor gasto com as importações ultrapassou o valor adquirido com as exportações. Dessa forma, é

factível afirmar que as exportações de produtos básicos, especialmente os complexos soja e carne, são rentáveis para o estado.

Tabela 3 – Importações do Paraná com base no valor agregado (1992-2018).

Ano	Básico		Industrializados				Total (US$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados		
	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	
1992	159.839	20,77	88.364	11,48	521.250	67,74	769.453
1993	210.645	17,54	124.145	10,34	866.275	72,13	1.201.065
1994	513.280	32,29	176.905	11,13	899.255	56,58	1.589.440
1995	702.869	29,41	203.856	8,53	1.483.566	62,07	2.390.291
1996	785.875	32,28	190.752	7,83	1.458.105	59,89	2.434.733
1997	862.887	26,09	196.000	5,93	2.248.081	67,98	3.359.611
1998	670.840	16,53	224.243	5,53	3.162.505	77,94	4.070.445
1999	632.145	17,09	227.790	6,16	2.839.554	76,76	3.704.123
2000	968.585	20,67	262.388	5,60	3.455.256	73,73	4.692.822
2001	851.472	17,27	198.006	4,02	3.879.474	78,71	4.936.910
2002	588.685	17,66	190.370	5,71	2.554.336	76,63	3.338.947
2003	714.232	20,49	194.998	5,59	2.576.821	73,92	3.494.042
2004	560.124	13,91	289.377	7,19	3.176.645	78,90	4.031.550
2005	815.348	18,01	239.051	5,28	3.472.838	76,71	4.528.221
2006	1.551.064	25,95	279.357	4,67	4.147.550	69,38	5.989.575
2007	2.053.483	22,77	399.781	4,43	6.564.724	72,80	9.048.514
2008	3.828.136	26,27	982.115	6,74	9.759.971	66,99	14.621.111
2009	1.811.926	18,83	458.895	4,77	7.350.022	76,40	9.638.019
2010	2.188.420	15,68	560.525	4,02	11.208.012	80,30	13.959.550
2011	3.117.918	16,61	768.624	4,10	14.881.221	79,29	18.803.920
2012	3.284.630	16,94	796.650	4,11	15.306.514	78,95	19.493.360
2013	2.689.237	13,90	964.471	4,99	15.690.094	81,11	19.427.721
2014	2.309.398	13,35	794.068	4,59	14.192.348	82,06	17.329.092
2015	1.330.702	10,69	630.112	5,06	10.487.691	84,25	12.490.228
2016	1.224.517	11,04	533.682	4,81	9.334.108	84,15	11.166.857
2017	872.668	6,88	547.612	4,32	11.260.096	88,80	12.680.376
2018	1.074.008	7,62	663.617	4,71	12.365.802	87,68	14.103.427

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

A Tabela 3 demonstra que os produtos manufaturados representaram a maioria das importações do Paraná nos anos contemplados, com uma ampliação considerável entre 1992 e 2018. Em 1994, o percentual era de 56,58%, enquanto em 2010 alcançou 80,30%. Além disso, é difícil identificar uma sequência consistente de anos com crescimento ou queda na participação, prevalecendo oscilações ao longo do período. Entretanto, entre 2014 e 2018, houve uma variação de cerca de 5% e a participação dos

produtos manufaturados permaneceu estável na casa dos 80% (se aproximando dos 90% em 2018). (IPARDES, 2019).

A variação nos produtos básicos também é bastante significativa entre 1992 e 2011 (IPARDES, 2019). Em 1994 e 1996, o percentual de produtos básicos excedeu os 30%, alcançado 32,29% e 32,28%, respectivamente. Em 2004, a participação foi de apenas 13,91%. No entanto, a partir de 2012, praticamente não há aumento percentual dos produtos básicos no total das importações paranaenses, com exceção de 2016. Chama atenção a participação irrisória abaixo dos 10% no biênio 2017/2018.

Ao analisar os grupos de produtos importados pelo Paraná (Tabela 4) no século XXI é notória a presença de produtos manufaturados ou semimanufaturados, refletindo o que foi apresentado na Tabela 3. Os dados da Tabela 4 mostram que até 2010, havia um forte equilíbrio entre cinco grupos, mas a partir do ano de 2017, os produtos químicos passaram a representar quase 30% das importações do estado, tendo atingido 29,90% em 2018 (IPARDES, 2019). Existem duas possíveis explicações para esse aumento: a) expansão da produção nas indústrias dos setores farmacêutico e químico, com destaque para a Prati-Donaduzzi e a Quimitol, empresas localizadas no município de Toledo, e; b) crescimento das importações de insumos industriais em âmbito nacional – dentre eles os insumos químicos – conforme destacado por Cano (2012).

Tabela 4 – Importações do Paraná com base nos grupos de produtos (em anos selecionados).

Grupo de produtos	**Participação em%**					
	2001	**2002**	**2009**	**2010**	**2017**	**2018**
Produtos químicos	16,11	20,27	18,91	16,55	26,16	29,90
Material de transporte e componentes	20,55	22,24	20,64	21,78	16,59	19,13
Petróleo e derivados	12,69	9,93	14,15	14,59	17,42	13,28
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	14,43	14,18	13,89	14,53	10,67	10,53
Materiais elétricos e eletrônicos	16,48	6,43	9,36	10,12	7,16	6,93
Produtos metalúrgicos	2,60	2,50	4,03	4,99	2,80	3,00
Instrumentos, aparelhos de ótica e de precisão	2,39	3,06	1,92	1,65	1,89	1,96
Cereais	1,92	2,29	2,55	1,31	1,81	1,53
Papel e celulose	1,91	2,09	1,61	1,66	1,40	1,45
Produtos têxteis	1,66	2,89	1,06	1,12	1,03	0,93
Móveis e mobiliário médico cirúrgico	0,62	0,68	0,43	0,48	0,62	0,65
Outros grupos de produtos	8,65	13,43	11,45	11,22	12,45	10,71
Total	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

O grupo material de transporte e componentes, apresentou variações entre 16,59% e 22,24% nos anos selecionados (IPARDES, 2019), e só deixou de ser o grupo de produtos mais importado no último biênio. Outros grupos que também diminuíram sua participação no período foram máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e materiais elétricos e eletrônicos. A retração neste último caso foi significativa, variando de 16,48% no primeiro ano do século, para 6,95% em 2018. Em relação aos grupos de produtos de menor valor agregado, como os cereais, é notável um baixo percentual de participação em todos os anos, sempre abaixo dos 3%.

Assim sendo, o comércio exterior paranaense apresenta algumas características e padrões de comportamento no período em questão (1992 a 2018): ao analisar os indicadores de exportação, sejam eles baseados nos grupos de produtos ou em valor agregado, é possível verificar uma relação direta entre a economia do estado e os produtos primários e de baixo valor agregado, uma vez que, em quase todos os anos, esses produtos tiveram uma participação significativa, mesmo naqueles em que os produtos de maior sofisticação apresentaram percentuais mais elevados; as importações do Paraná são baseadas em produtos manufaturados, uma realidade que se tornou mais evidente na segunda década do século XXI; além disso, durante quase todo o período analisado, o saldo comercial foi positivo, apesar das importações de produtos manufaturados e de maior sofisticação.

É plausível dizer que o Paraná está passando pelo processo de reprimarização de sua pauta exportadora, corroborando a afirmação de Lamoso (2020). A autora identificou que algumas economias subnacionais, como o Paraná, têm exportado mais produtos primários em prejuízo daqueles de maior valor agregado e sofisticação – na primeira década do século XXI, por outro lado, o Paraná exportou mais bens manufaturados. De acordo com os indicadores apresentados, essa reprimarização é mais intensa quando se analisa o valor agregado das exportações em detrimento dos grupos de produtos. De 1992 a 2010, havia forte equilíbrio entre os produtos primários e os manufaturados, com marcantes oscilações, mas a partir da segunda década do século XXI os bens primários lideraram o quadro de vendas do estado em todos os anos, com uma participação média de 49,29% (IPARDES, 2019).

OS PARCEIROS COMERCIAIS DO PARANÁ NO SÉCULO XXI

Nos primeiros anos do século XXI, o Paraná consolidou sua presença nos mercados internacionais, exportando, sobretudo, soja, carne, papel e celulose, dentre outros produtos primários e manufaturados, como já foi mencionado anteriormente. Essas relações comerciais foram reforçadas pelos acordos bilaterais e tratados internacionais assinados pelo Governo Federal, o que permitiu ao Paraná expandir seu alcance e se integrar de forma mais eficiente na economia global (Ribeiro, 2021).

No período pré-crise de 2008, os Estados Unidos foram o principal destino das mercadorias paranaenses. Em 2001, por exemplo, a participação foi de 17,49%, totalizando US$ 930.120 mil FOB. Em 2002, a participação dos Estados Unidos aumentou em termos percentuais e absolutos, chegando a 17,77%, com um valor de US$ 1.013.022 mil FOB, o que representa um crescimento de 8,91% (IPARDES, 2003).

No entanto, a intensificação do comércio de *commodities* com a Europa e a Ásia, bem como a exportação de bens manufaturados para a América Latina, resultou num aumento significativo das taxas de crescimento das exportações nacionais. Concomitantemente, a participação dos Estados Unidos nas exportações do Paraná registrou declínio. Dessa forma, novos mercados ganharam protagonismo nas relações comerciais estabelecidas com o Paraná.

A China representa o maior crescimento percentual no período em questão. Em 2001, as exportações para a China eram de apenas 2,17% totalizando US$ 115.244 mil FOB. Em 2002, a participação foi significativamente ampliada, alcançando US$ 421.519 mil FOB, uma alta impressionante de 265,76%. Esse crescimento foi consequência da crescente demanda chinesa por produtos agrícolas, sobretudo soja (IPARDES, 2003; Cano, 2012).

Alguns países europeus, como a França, os Países Baixos (Holanda) e a Alemanha, apresentaram uma diminuição na participação das exportações do Paraná. A França, por exemplo, sofreu uma queda de 14,95%, passando de 7,17% em 2001, para 5,69% em 2002. A participação dos Países Baixos caiu de 5,50% para 4,85%, enquanto a Alemanha passou de 5,28% para 4,64%, refletindo as variações nos mercados desses países. No sentido oposto, o Reino Unido e a Rússia apresentaram crescimento. As exportações para o Reino Unido aumentaram de 4,19% para 5,40%, um aumento de

38,21%. Já a Rússia, as exportações aumentaram de 2,04% para 2,62%, um aumento de 37,68% (IPARDES, 2003).

Em 2002, as exportações do Paraná aumentaram de US$ 5.317.509 mil FOB para US$ 5.700.199 mil FOB, o que representa um crescimento total de 7,20%. Esse aumento nas exportações é consequência da expansão do mercado internacional para os produtos paranaenses, especialmente para a China, que se tornou um parceiro comercial cada vez mais relevante. Os dados referentes aos anos 2001 e 2002, podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5 – Destino das exportações do Paraná (2001 e 2002).

Países	2001		2002		VAR. (%)
	Valor (US$ mil FOB) [1]	Part. (%)	Valor (US$ mil FOB)	Part. (%)	
EUA	930.120	17,49	1.013.022	17,77	8,91
China	115.244	2,17	421.519	7,39	265,76
França	381.319	7,17	324.321	5,69	-14,95
Reino Unido	222.914	4,19	308.085	5,40	38,21
Países baixos (Holanda)	292.536	5,50	276.664	4,85	-5,43
Alemanha	281.027	5,28	264.313	4,64	-5,95
Espanha	232.992	4,38	241.580	4,24	3,69
Itália	198.597	3,73	193.127	3,39	-2,75
México	135.966	2,56	177.681	3,12	30,68
Rússia	108.598	2,04	149.522	2,62	37,68
Outros	2.418.196	45,49	2.330.365	40,89	-3,63
Total	**5.317.509**	**100,00**	**5.700.199**	**100,00**	**7,20**

[1] Os valores dessa tabela, bem como da Tabela 8 foram organizados e disponibilizados pelo IPARDES em US$ mil FOB.

Fonte: IPARDES, 2003. Elaboração dos autores, 2024.

Diversas crises globais e locais tiveram impacto no comércio exterior mundial. A maior delas foi a crise financeira de 2008, também conhecida como bolha imobiliária nos Estados Unidos, que causou uma recessão global, com diversas economias entrando em colapso. O PIB global diminuiu, o desemprego aumentou e diversas companhias faliram, o que causou uma queda na demanda global e uma retração econômica que afetou diversos setores. Contudo, a crescente demanda chinesa por soja, carne e outros produtos agropecuários foram percebidos nos países que os produziam (Ribeiro, 2021).

Com o objetivo de garantir a sua segurança alimentar, a China tornou-se o maior consumidor mundial de soja. A soja é usada principalmente para óleo vegetal e

ração animal. Com o crescimento do consumo de carne na China, impulsionado pelo aumento e alterações nos hábitos alimentares dos chineses, a demanda por ração animal (que é composta, principalmente por farelo de soja) ampliou significativamente.

Em 2010, o Brasil se tornou mais relevante nas exportações globais, o que se deve ao aumento de 3,6% do PIB mundial, sustentado por países em desenvolvimento como a China e Índia, que aumentaram em 10,3% e 9,7% o seu PIB, de acordo com a Organização Mundial de Comércio (OMC) (IPARDES, 2011). Esse contexto apontou para a recuperação de algumas economias mundiais.

As informações do IPARDES (2011), apresentadas na Tabela 6, indicam a China como o principal destino das exportações paranaenses no ano de 2009, com um valor de US$ 1.234.880.145, o que representa 11,00% do total exportado pelo estado. Em 2010, as exportações para a China aumentaram expressivamente para US$ 2.276.775.276, correspondendo a 16,06% do total, ou seja, um crescimento de 84,37%.

Tabela 6 – Destino das exportações do Paraná (2009 e 2010).

Países	2009		2010		VAR. (%)
	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	
China	1.234.880.145	11,00	2.276.775.276	16,06	84,37
Argentina	860.343.975	7,67	1.622.537.524	11,45	88,59
Alemanha	939.811.889	8,37	997.945.682	7,04	6,19
Holanda	720.325.985	6,42	636.615.837	4,49	-11,62
EUA	466.301.641	4,15	540.777.089	3,81	15,97
Rússia	209.367.024	1,87	496.485.718	3,50	137,14
Paraguai	309.830.480	2,76	446.897.224	3,15	44,24
Arábia Saudita	258.484.980	2,30	386.124.921	2,72	49,38
Coreia do Sul	304.123.023	2,71	373.891.828	2,64	22,94
França	422.821.861	3,77	345.181.650	2,43	-18,36
Outros	5.398.770.095	48,98	5.912.761.026	42,71	9,18
Total	**11.125.061.098**	**100,00**	**14.035.993.775**	**100,00**	**26,31**

Fonte: IPARDES, 2011. Elaboração dos autores, 2024.

A expansão das exportações para a China e a Rússia é consequência da ampliação das relações comerciais. Esses países buscaram aprimorar o intercâmbio comercial entre nações em desenvolvimento, afastando-se da dependência de mercados tradicionais como a Europa e os Estados Unidos. Além disso, é notório o aumento das relações comerciais dentro do bloco Mercosul, com um crescimento significativo das

exportações para a Argentina. A este crescimento podemos atribuir-se às políticas comerciais favoráveis dentro do bloco e à proximidade geográfica.

No último biênio avaliado (2017/2018), as relações com os países emergentes e periféricos se intensificaram. A participação da China nas exportações paranaenses aumentou significativamente. Os 16,06% registrados em 2010 foram ampliados para 27,71% em 2017 e, posteriormente, atingiram 34,13% em 2018, totalizando US$ 4.971.780.700 e US$ 6.177.981.434, respectivamente (IPARDES, 2019).

No caso argentino, houve a manutenção da participação relativa observada em 2010 para o ano de 2017, com um aumento no valor absoluto, como mostra a Tabela 7. Em 2018, houve uma redução na participação total e no valor absoluto – uma variação de -29,43%. Apesar desse cenário, a Argentina continuou sendo o segundo maior mercado consumidor de produtos paranaenses. O Paraguai, outro país vizinho do Brasil e do Paraná, ampliou sua participação em cerca de 16,56% entre 2017 e 2018, tornando-se o quarto mercado que mais consome os produtos ofertados pelo estado (IPARDES, 2019). No biênio anterior (2009/2010) sua participação relativa era semelhante, mas os valores absolutos eram inferiores.

As Tabelas 6 e 7 mostram que certos países, como a França, a Coreia do Sul, a Rússia e a Arábia Saudita, que foram alguns dos principais mercados compradores de produtos paranaenses no biênio 2009/2010, não conseguiram se manter no biênio 2017/2018. Outros países periféricos, como o México, o Chile e a Índia – além da Itália, um país desenvolvido – estreitaram as relações com o Brasil e o Paraná, tornando-se mercados consumidores relevantes.

Tabela 7 – Destino das exportações do Paraná (2017 e 2018).

Países	2017		2018		VAR. (%)
	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	
China	4.971.780.700	27,72	6.177.981.434	34,13	24,26
Argentina	2.053.380.841	11,45	1.449.056.654	8,01	-29,43
EUA	890.294.059	4,96	894.724.896	4,94	0,50
Paraguai	462.965.951	2,58	539.643.650	2,98	16,56
Países baixos (Holanda)	397.060.967	2,21	529.032.080	2,92	33,24
Alemanha	448.356.310	2,50	457.716.818	2,53	2,09
México	392.472.447	2,19	423.158.658	2,34	7,82
Chile	323.587.126	1,80	390.412.369	2,16	20,65
Índia	323.781.737	1,81	377.577.637	2,09	16,61
Itália	262.029.444	1,46	361.205.132	2,00	37,85
Outros	7.413.457.374	41,31	6.499.559.815	35,91	-12,32
Total	**17.933.166.956**	**100,00**	**18.100.069.143**	**100,00**	**0,93**

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

Há um movimento semelhante em relação às importações, no qual a China aumenta sua participação de forma gradual, até se tornar o principal fornecedor de produtos para o estado do Paraná. No primeiro biênio avaliado a fração chinesa era risível: 1,49% (2001) e 2,53% (2002), ou US$ 73.269 mil FOB e US$ 84.410 mil FOB, respectivamente (IPARDES, 2003). Enquanto isso, países como Alemanha, Estados Unidos e Argentina se destacavam como os principais parceiros do Paraná.

A Alemanha iniciou o século com uma participação de 17,59% ou US$ 866.929 mil FOB. Um ano depois, essa participação aumentou para 17,79%, totalizando US$ 593.227 mil FOB (IPARDES, 2003). Isso quer dizer que, apesar do aumento percentual relativamente pequeno, houve redução no valor movimentado com compras externas. Este cenário não se limita ao caso alemão, pois praticamente todos os países listados na Tabela 8 tiveram uma situação semelhante, devido a uma notável queda nas importações paranaenses entre 2001 e 2002 (-32,34%). Os Estados Unidos e a Argentina, por exemplo, apresentaram não apenas uma redução percentual, mas também no gasto total.

Tabela 8 – Origem das importações do Paraná (2001 e 2002).

Países	2001		2002		VAR. (%)
	Valor US$ mil FOB)	Part. (%)	Valor (mil US$ FOB)	Part. (%)	
Alemanha	866.929	17,59	593.227	17,79	-31,57
EUA	607.645	12,33	396.984	11,91	-34,67
Argentina	641.406	13,02	377.141	11,31	-41,20
França	282.300	5,73	226.097	6,78	-19,91
Paraguai	144.307	2,93	186.307	5,59	29,10
Nigéria	402.064	8,16	164.963	4,95	-58,97
Itália	277.638	5,63	115.109	3,45	-58,54
Reino Unido	68.719	1,39	103.899	3,12	51,19
Israel	113.094	2,30	97.806	2,93	-13,52
China	73.296	1,49	84.410	2,53	15,16
Outros	1.450.186	29,47	987.871	29,64	-31,87
Total	**4.927.584**	**100,00**	**3.333.814**	**100,00**	**-32,34**

Fonte: IPARDES, 2003. Elaboração dos autores, 2024.

No biênio 2009/2010, houve mudança em relação ao cenário apresentado no início do século, com uma variação positiva de 45,05% nas importações paranaenses. Em 2009, a China era o principal país de origem das importações do estado, com 13,20% (ou US$ 1.270.362.741). Em 2010 essa participação aumentou para 15,20% (ou US$ 2.120.672.204), o que significa uma variação positiva de 66,93% (IPARDES, 2011). A participação da Argentina permaneceu acima dos 11% assim como no biênio anterior, com a diferença de ter se tornado o segundo maior exportador de produtos para o estado, como é possível observar na comparação entre as Tabelas 8 e 9.

Os Estados Unidos deixaram de ser um dos três principais mercados de origem das importações paranaenses com uma participação abaixo de 8% nos dois anos selecionados (2009 e 2010). Apesar disso, houve um aumento de 85,90% no gasto total, uma vez que, em 2009, o Paraná comprou US$ 595.128.530 (6,19%) em produtos estadunidenses, e um ano depois, esse valor foi de US$ 1.106.358.216 (7,93%) (IPARDES, 2011). Outro exemplo é a Nigéria, cuja participação no biênio 2009/2010 é significativamente superior à do biênio 2001/2002, o que significa um crescimento nos valores gastos pelo Paraná com produtos nigerianos. Analisando a Tabela 9, verifica-se, no entanto, que a participação diminuiu de 13,35% em 2009 para 10,19% em 2010. O mesmo pode ser dito de Taiwan, que, no início do século não estava entre os principais fornecedores de produtos para o Paraná, situação diferente em 2009, quando passou a integrar a lista.

Tabela 9 – Origem das importações do Paraná (2009 e 2010).

Países	2009		2010		VAR. (%)
	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	
China	1.270.362.741	13,20	2.120.672.204	15,20	66,93
Argentina	1.301.568.584	13,53	1.683.437.713	12,06	29,34
Nigéria	1.284.287.584	13,35	1.422.138.137	10,19	10,73
Estados Unidos	595.128.530	6,19	1.106.358.216	7,93	85,90
Alemanha	688.263.702	7,15	1.008.387.336	7,23	46,51
França	384.636.980	4,00	666.187.634	4,77	73,20
México	327.487.287	3,40	406.669.880	2,91	24,18
Suécia	178.678.239	1,86	328.811.075	2,36	84,02
Itália	231.003.362	2,40	325.574.146	2,33	40,94
Taiwan	237.783.977	2,47	312.379.725	2,24	31,37
Outros	3.188.818.037	32,45	4.578.934.409	32,78	31,73
Total	**9.638.019.023**	**100,00**	**13.959.550.475**	**100,00**	**45,03**

Fonte: IPARDES, 2011. Elaboração dos autores, 2024.

Em 2017 e 2018, há uma grande mudança nos principais mercados exportadores de produtos para o estado do Paraná, como mostra a Tabela 10. Enquanto a Nigéria e Taiwan eram destaques no biênio 2009/2010, no último biênio computado (2017/2018) o país africano diminuiu sua participação, ao passo que o país asiático não apareceu na lista. No caso da Nigéria, o consumo total de produtos nigerianos caiu. Em 2017, apenas US$ 100.298.420 (0,79%) foram gastos. Um ano depois, o valor foi de US$ 364.437.998 (2,58%) (IPARDES, 2019), mas ainda assim distante da experiência de alguns anos anteriores.

Os Estados Unidos, que foram um dos principais mercados de origem dos produtos do Paraná no início do século e tiveram uma queda significativa no final dos anos 2000 (Tabela 9), voltaram a ser protagonistas entre 2017 e 2018. Em 2017, por exemplo, tiveram uma participação de 17,76% (ou US$ 2.252.088.810). No ano seguinte, esse percentual diminuiu para 14,44% (ou US$ 2.036.458.463). A China continuou sendo um mercado de grande importância, com um aumento relavante no que diz respeito aos gastos totais do Paraná com produtos chineses. Em 2017, a participação foi de 16,55% (ou US$ 2.098.183.131) e, em 2018, de 17,07% (ou US$ 2.407.756.461). Isso indica uma grande concentração de importações de produtos de origem estadunidense ou chinesa (IPARDES, 2019).

Tabela 10 – Origem das importações do Paraná (2017 e 2018).

Países	2017		2018		VAR. (%)
	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	Valor (US$ FOB)	Part. (%)	
China	2.098.183.131	16,55	2.407.756.461	17,07	14,75
EUA	2.252.088.810	17,76	2.036.458.463	14,44	-9,57
Argentina	1.115.205.280	8,79	1.268.989.832	9,00	13,79
Alemanha	625.918.162	4,94	700.169.053	4,96	11,86
França	574.945.974	4,53	637.089.713	4,52	10,81
México	354.363.562	2,79	453.169.420	3,21	27,88
Rússia	340.706.980	2,69	418.994.763	2,97	22,98
Espanha	318.195.286	2,51	373.268.403	2,65	17,31
Paraguai	402.621.784	3,18	369.945.170	2,62	-8,12
Nigéria	100.298.420	0,79	364.437.998	2,58	263,35
Outros	4.497.848.211	35,46	5.073.122.324	35,96	11,33
Total	**12.680.375.600**	**100,00**	**14.103.426.888**	**100,00**	**11,22**

Fonte: IPARDES, 2019. Elaboração dos autores, 2024.

Ao comparar as Tabelas 8, 9 e 10, é notável que, entre os anos selecionados para essa variável (importações), existem alguns países que se mantém como mercados importantes para o Paraná (Argentina e Alemanha), mesmo com pequenas variações (positivas ou negativas); e outros que, apesar de estarem incluídos na lista em todos os biênios delimitados, ou seguiram uma tendência de crescimento (China) ou de grande oscilação (Estados Unidos e principalmente Nigéria) (IPARDES, 2019).

É evidente que as compras realizadas pelo Paraná têm origem não somente em países desenvolvidos, mas também em países que estão na periferia do sistema capitalista (emergentes), sejam eles vizinhos do Brasil (Argentina e Paraguai) ou não (China, Israel, Rússia, Nigéria e México). Essa realidade também está ocorrendo no cenário das exportações paranaenses, como já foi demonstrado anteriormente. No entanto, apesar de ter uma grande variedade de parceiros comerciais, o Paraná estreitou os laços com a China. Esse movimento é uma consequência das relações estabelecidas pelo Brasil com o país asiático, que também são seguidas por outras nações da América do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Paraná é uma das principais economias subnacionais do Brasil, seja pela indústria ou pelo agronegócio. Além disso, o estado tem uma estrutura produtiva que reúne uma grande variedade de atividades econômicas, com reflexos no comércio exterior. O Paraná, historicamente, esteve associado à produção primária de café ou soja, com baixa ou alta mecanização. No entanto, em determinado momento, particularmente no início do século XXI, o estado teve uma pauta exportadora fortemente baseada em produtos manufaturados – incluindo os de alta tecnologia e os de menor complexidade – o que indica um protagonismo do setor industrial nunca visto antes.

Na segunda década do século XXI houve uma mudança significativa: entre 2011 e 2018, quase 50% das exportações do Paraná foram de produtos primários, de menor valor agregado, com destaque para a comercialização de produtos dos complexos soja e carnes, rompendo com a conjuntura vivida alguns anos antes. Essa realidade nos permite afirmar que o estado está passando pelo processo de reprimarização econômica, ratificando o que outros autores haviam analisado. Concomitantemente, as importações paranaenses são formadas basicamente por bens manufaturados (cerca de 80%).

No que diz respeito aos parceiros comerciais do estado, a China, que, no início do século XXI, tinha uma pequena participação no comércio paranaense, seja em termos de exportação ou importação, foi ganhando importância de forma gradativa até se estabelecer como o principal parceiro comercial do Paraná. Nesse período, a Argentina também se consolidou como um dos principais mercados nas variáveis analisadas (exportação e importação), uma vez que os Estados Unidos sofreram com constantes oscilações.

Como resultado, apresentamos três padrões de comportamento do comércio exterior paranaense que foram identificados no trabalho e merecem destaque: a) importações compostas principalmente pelos produtos manufaturados e uma significativa exportação de produtos primários; b) a presença de superávits comerciais em quase todos os anos selecionados, e; c) a China estreitando os seus laços comerciais com o Paraná e o Brasil. É importante salientar que, até o início da segunda década do século XXI, a participação dos produtos manufaturados e básicos no comércio exterior paranaense era

de muita variação, mas, a partir da segunda década do mesmo século, começou-se a notar uma relativa estabilidade.

REFERÊNCIAS

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; THEUER, Daniela. Um Estado novo-desenvolvimentista na América Latina? **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 811-829, dez. 2012.

CAMPEÃO, Patrícia; SANCHES, Arthur Caldeira; MACIEL, Wilson Ravelli Elizeu. Mercado Internacional de Commodities: uma análise da participação do brasil no mercado mundial de soja entre 2008 e 2019. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 18, n. 51, p. 76-92, jun. 2020.

CANO, Wilson. A desindustrialização do Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, p. 831-851, dez. 2012.

CASTRO, Francisco José Gouveia de. Reestruturação Industrial e Competitividade do Comércio Exterior do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 45, n. 143, p. 45-67, dez. 2022.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). **Política comercial na Primeira República**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 2024. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POL%C3%8DTICA%20COMERCIAL%20NA%20PRIMEIRA%20REP%C3%9ABLICA.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.

IPARDES. **Paraná**: comércio exterior. 15. ed. Curitiba: IPARDES, 2011.

IPARDES. **Paraná**: comércio exterior. 23. ed. Curitiba: IPARDES, 2019.

IPARDES. **Paraná**: comércio exterior. 7. ed. Curitiba: IPARDES, 2003.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília. **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Acesso em: 01 jun. 2024.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Reprimarização no Território brasileiro. **Espaço e Economia** Revista Brasileira de Geografia Econômica, Ano IX, n. 19, 2020.

LOPES. Victor Tarifa. A reprimarização das exportações brasileiras em perspectiva histórica de longa duração. **Revista Carta Inter**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2020, p. 174-203.

MIGLIORINI, Sonia Mar dos Santos. Indústria paranaense**:** Formação, transformação econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI**. Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v.1, n.1, p. 62-80, jul./dez. 2006.

MORCEIRO, Paulo César. **Desindustrialização na economia brasileira no período 2000 - 2011:** abordagens e indicadores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MORCEIRO, Paulo César; GUILHOTO, Joaquim José Martins. Desindustrialização setorial e estagnação de longo prazo da manufatura brasileira. São Paulo. **IV Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação**, v. 6, n. 1, p. 1-33. jan. 2019.

NASSIF, André; Marta, CASTILHO. Trade patterns in a globalised world: brazil as a case of regressive specialisation. **Cambridge Journal Of Economics.** Cambridge, p. 671-701. Maio 2020.

NIEHUES, Leandro Garcia. A industrialização do Paraná: Abordagens de um processo de desenvolvimento concentrado. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, número especial, p. 454-466, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; OLIVEIRA, Igor Martins de. Geografia do comércio internacional, exportações e transportes de commodities agrícolas no Brasil. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 71, p. 328-355, abr. 2019.

POCHMANN, Marcio. **A grande desistência histórica e o fim da sociedade industrial.** São Paulo: Ideias e Letras, 2022.

RIBEIRO, Matheus Vocado. **A importância das exportações do Paraná para a balança comercial brasileira, uma análise entre os anos de 2000 a 2014**. Monografia. Curitiba: Centro Universitário Curitiba, 2021.

RODRIGUE, Jean-Paul; COMTOIS, Claude; SLACK, Brian. **The geography of transport systems**. 3. ed. London: Routledge, 2013. 432 p.

SALLUM JR, Brasilio. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. **Tempo social**, v. 11, p. 23-47, 2000.

TRINTIN, Jaime Graciano. **A ECONOMIA PARANAENSE: 1985-1998**. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. A HISTÓRIA DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO (1953-2007). **Revista do Direito Privado da UEL**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2009.

Recebido em junho de 2024.

Revisão realizada em agosto de 2024.

Aceito para publicação em outubro de 2024.